

Prancha 33

VISTA DO CASTELO IMPERIAL DE SANTA CRUZ

O castelo de *Santa Cruz*, residência de recreio da Côrte, situado a onze léguas da capital é uma antiga fazenda dos jesuítas contendo uma igreja e um convento construídos em cima de uma colina que domina imensas planícies entrecortadas de florestas, através das quais passa o caminho para Minas Gerais. Santa Cruz é sem contestação uma das maiores propriedades da província do Rio de Janeiro.

Pertencia aos bens da Coroa sob D. João VI e a Côrte aí passava seis semanas, anualmente, durante o verão. Sempre modesto nos seus hábitos, contentava-se o Rei com uma cela e o resto de sua família via-se obrigado a imitá-lo.

Mas, por ocasião do casamento do príncipe real D. Pedro, já as idéias eram mais largas e o Rei sentiu a necessidade de derrubar as divisões internas do convento para construir aposentos mais dignos de uma residência real. Encarregou pois o *conde de Rio Sêco*, superintendente dos bens da coroa, de dirigir as obras. Com efeito, ao chegar a princesa Leopoldina aí encontrou aposentos bem arranjados. Desde então Santa Cruz tornou-se tanto mais agradável para a jovem família real quanto o lugar apresentava passeios variados para se fazerem a cavallo ou de carro, prazeres campestres bem diferentes do fastidioso protocolo da cidade.

Mais tarde D. Pedro, Imperador e reformador, tomou a si a direção da fazenda de Santa Cruz e aumentou-lhe a renda com novas aquisições de terras; aí estabeleceu um haras, prado fechado para criação de cavalos. Monarca filantropo, procurou ao mesmo tempo cercar essa solidão real de uma população dedicada e reconhecida. Com efeito, depois de ter dado liberdade a todos os escravos a seu serviço particular,

quando ainda príncipe, concedeu gratuitamente a cada um dêles um pedaço de terreno ao lado do castelo, para a construção de uma pequena casa, e terras de cultura bastante consideráveis na planície, para atender ao sustento das famílias dos novos colonos.

O direito de propriedade incentivou a dedicação dêsses novos cidadãos, os quais desenvolveram os diferentes tipos de atividades úteis aos viajantes das Minas, chegando pouco depois a oferecer-lhes um pouco cômodo numa estrada bem pouco freqüentada.

Atualmente, honrada amiúde com a presença do soberano, a aldeia de Santa Cruz, cuja colonização data apenas de 1822, aumentada com algumas casas burguesas das autoridades locais, conta uma população numerosa e ativa.

Preparavam-se no ano que precedeu a partida de D. Pedro I, tanto no interior do palácio e da igreja como nas dependências da propriedade, obras consideráveis: construção de oficinas, usinas, etc.: pensava-se também abrir um canal para o mar, a fim de facilitar a exploração dêsse imenso domínio imperial, ora administrado pela regência de D. Pedro II, sucessor de seu pai.

O ROCHEDO DOS ARVOREDOS

O rochedo dos arvoredos comporta segundo a tradição uma inscrição em caracteres fenícios e muito semelhantes a outras colhidas na América por Humboldt; apresentada como as outras aos sábios orientalistas foi considerada um vestígio de uma língua morta, hoje indecifrável, conseqüência inevitável da confusão de linguas produzida pela invasão dos povos na América. Acompanharei nessa asserção a opinião do senhor *Buret de Longchamp* que afirma: "Uma invasão dos *Tultagues* teria ocorrido no México em 648". Acrescenta êle ainda que "*Hionqus* ou *hunos*, conduzidos por *Punon*, seu chefe, perderam-se no norte da Sibéria, nas proximidades da Groenlândia, na época em que *Zalcoal* era senhor das sete cavernas dos *Novatelcas* e legítimo soberano das sete nações que fundaram e desenvolveram o império do México". Encontra-se também na mesma obra, relativamente ao ano de 648, a cultura do milho e do algodão, ensinada pelos hunos que invadiram a América, documentos todos que explicariam perfeitamente a fusão incorreta e indecifrável da linguagem escrita entre êsses diversos povos reunidos em pequenas colônias em diferentes pontos da América. E' ainda indiscutível que essa inscrição provém de outra escrita oriental, em primeiro lugar pela forma de seu primeiro caráter, *th* egípcio, aqui colocado horizontalmente. Os sábios viram nêle certa analogia com o *Ts* ciríaco e mesmo com o *Th* árabe; observam êles ainda na forma e na disposição de outros caracteres vestígios do fenício e do grego antigo; em resumo, uma derivação do alfabeto da escrita da Índia, cuja origem se perde na noite dos tempos.

Como no México, também esta inscrição se acha colocada num ponto que parece inacessível; existem entretanto no rochedo, vestígios de degraus já gastos, até uma certa altura; são êles indicados no desenho junto do ponto de desembarque onde se acha a canoa. De perto êsses caracteres gigantescos não têm forma aparente e apresentam-se apenas como estranhos raspões sôbre o rochedo em geral coberto de vegetação. E' sômente de certa distância no mar, que se pode reconhecer a forma precisa aqui reproduzida com a maior exatidão.

O *rochedo dos arvoredos* está situado a pequena distância da entrada da baía de *Santa Catarina*, antigo lugar de degrêdo dos portugueses, donde o nome que ainda conserva de *cidade do Destêrro*.